

INSCRITAS NA SEGUNDA GUERRA, “ESQUECIDAS” NA HISTORIOGRÁFIA: OS “SILÊNCIOS” DAS MULHERES NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA.

Jéssica Salvino Mendes¹

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

e-mail: jessicasalvinom@gmail.com

Alianna Batista da Silva²

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

e-mail: alianna_silva11@hotmail.com

Patrícia Cristina de Aragão Araújo³

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

e-mail: cristina-aragao21@hotmail.com

Resumo

O artigo a seguir busca através da abordagem de gênero pós-estrutural, uma análise do capítulo “A Segunda Guerra Mundial: um novo conflito mundial” do livro didático “História das cavernas ao terceiro milênio: do avanço imperialista no século XIX aos dias atuais”, atualmente utilizado na 3ª do ensino médio da E.E.E.F.M. Professor Raul Córdula, na cidade de Campina Grande-PB, e sua relação com a história das mulheres no ensino de história. Até a segunda metade do século XX, as mulheres estavam silenciadas na historiografia Ocidental. Elas faziam parte da história, porém, no século XIX a história dita Positivista, feita por homens e para homens, preocupada em fazer da história uma ciência, prezava, pelas grandes batalhas, por uma história política e, portanto pública dos “grandes” homens, as mulheres, por sua vez estavam restrita aos espaços privados, onde eram intencionalmente esquecidas, silenciadas diante da escrita

¹ Graduanda do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba.

² Graduanda do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba.

³ Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba.

da história. Com o interesse da sociologia, da antropologia pelos estudos do particular, aliado ao feminismo, na década de 1970 e 1980 as mulheres emergem na historiografia como escritas e inscritas na história. Por acreditar que a produção acadêmica influencia na produção didática do conhecimento histórico, questionaremos a participação das mulheres no livro didático em questão, pois, acreditamos que o ensino de história, pode ultrapassar os limites didáticos de seu uso, incluindo a todos e todas na escrita da vida.

Abstract

The following article seeks through post-structural gender approach, an analysis of the chapter "The Second World War: a new world conflict" textbook "History of the caves to the third millennium: the imperialist advance in the nineteenth century to the present day" currently used in the 3rd high school in EEEFM Professor Raul Cordula in the city of Campina Grande-PB, and its relation to the history of women in the teaching of history. Until the second half of the twentieth century, women were silenced in Western historiography. They were part of history, but in the nineteenth century positivist story told, by men and for men, anxious to make history a science, prized by the great battles, a political history and therefore of the public "big" men women in turn were restricted to private spaces, which were intentionally forgotten, silenced before the writing of history. With the interest of the sociology, of the anthropology for the studies of the matter, allied to feminism, in the decade of 1970 and 1980 the women emerge in the historiography as written and registered in the history. For believing that the academic production influences in the didactic production of the historical knowledge, we will question the women's participation in the didactic book in subject, because, we believed that the history teaching, it can surpass the didactic limits of its use, including the whole ones and everybody in the writing of the life.

Key word: teaching history; women; second war

INTRODUÇÃO

A construção do debate da *Nouvelle Histoire*, na década de 1970 permitiu que novas abordagens e novos objetos fossem incorporados à história. Este debate, mais tarde influenciou junto a sociologia, a antropologia e principalmente a segunda onda do movimento feminista, para o aparecimento de uma história das mulheres. Personagens que até o início da segunda metade do século XX mostravam-se “silenciadas” na historiografia. Desta forma, segundo Joan Scott:

A história das mulheres, sugerindo que ela faz uma modificação da 'história', investiga o modo como o significado daquele termo geral foi estabelecido. Questiona a prioridade relativa dada à 'história do homem', em oposição à 'história da mulher', expondo a hierarquia implícita em muitos relatos históricos. E, mais fundamentalmente, desafia tanto a competência de qualquer reivindicação da história de fazer um relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto da história- o Homem universal. (SCOTT, 1992, p. 78)

Não que as fontes necessariamente fossem escassas, ou não existissem, o que se observa é que o paradigma historiográfico do século XIX primava pelo uso de fontes oficiais escritas, que contassem as histórias das grandes nações, dos grandes homens das grandes guerras, em um modelo de história que ficou conhecido como “História dos tratados e batalhas” do Positivismo, que como afirma PERROT (2006, p.185) “opera um verdadeiro recalçamento do tema feminino, e de modo mais geral, do cotidiano [...] põe Eva porta fora...”. Ora, nações, guerras, política eram assuntos que naquele momento estavam ligados ao espaço público, que em sua maioria era voltado aos homens. Desta forma, uma história das mulheres intencionalmente ficaria de fato inviável de se fazer.

Nem por isso, podemos nos esquecer de que as mulheres fizeram e fazem parte da história. Mas, é necessário também que se atente que lugares dentro da história lhes foram dados e construídos, para elas e por elas depois de sua “aparição” na historiografia. O exercício de indagar que lugares são esses é relevante, pois, dentre inúmeros fatores, a abordagem acadêmica sobre os lugares das mulheres na história, reflete de forma significativa no modo que estas vêm sendo, ou não, representadas no ensino de história e conseqüentemente nos livros didáticos da disciplina.

Porém, impor sob a academia toda a responsabilidade da produção didática seria um erro. Sabe-se que o livro didático passa por um complexo processo de construção, que vai desde o conhecimento científico, passando pelos interesses econômicos editoriais, até as subjetividades dos sujeitos e sujeitas que os produzem. Também é

necessário frisar a influência do Plano Nacional do Livro Didático (PLND) que por meio de avaliações ajuda professores e professoras na escolha do livro mais adequado as exigências da disciplina e seu contexto como um todo.

Sendo assim, é válido perguntar: Onde estão as mulheres no livro didático de história? Quais lugares elas ocupam? Por que o silenciamento delas em alguns conteúdos? Como neste caso em que abordarei a Segunda Guerra Mundial, visto que em geral muitas páginas lhes são dedicadas. O capítulo 5 do livro didático *História das cavernas ao terceiro milênio: do avanço imperialista no século XIX aos dias atuais* (2010) referente a 3ª série do ensino médio e atualmente utilizado na E.E.E.F.M. Professor Raul Córdula⁴, será objeto de análise a respeito dos questionamentos feitos a cima.

METODOLOGIA

Utilizamos como abordagem metodológica os trabalhos das historiadoras Michelle Perrot que aborda a emergência das mulheres na historiografia. Das também historiadoras, Joan Scott e Guacira Louro, que trabalham com a perspectiva de gênero pós-estrutural. Além, da contribuição do historiador francês Claude Quétel, sobre a participação das mulheres na Segunda Guerra Mundial, onde sua obra será o cerne para efeito da análise da problemática proposta. Nosso objeto de análise será O capítulo 5 do livro didático *História das cavernas ao terceiro milênio: do avanço imperialista no século XIX aos dias atuais* (2010) das professoras Patrícia Ramos Braick e Myriam Becho Mota.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

⁴ A escola E.E.F.M. Professor Raul Córdula está localizada na cidade de Campina Grande, PB. Onde desenvolve o Estágio Supervisionado III.

A Partir do material que utilizamos para análise, podemos verificar que o capítulo 5 intitulado *A Segunda Guerra Mundial*, do já citado livro didático *História das cavernas ao terceiro milênio: do avanço imperialista no século XIX aos dias atuais* (2010) está dividido em sete subtítulos: *A expansão nazista*, *A perseguição aos judeus*, *A ofensiva do Eixo*, *A resistência e a Segunda Guerra Mundial*, *O acerto de contas* e *A agonia do velho mundo*. Conta também com o Texto Complementar *Cinema em tempos de guerra*, atividades, um banco de questões do Vestibular/ENEM e um quadro de referencias com livros e filmes chamado *Ampliado o conhecimento*. No que se refere a fontes, o capítulo faz uso de uma carta, fotografias, charges, anúncios, pintura, gráficos, mapas, trechos de documentos e registros do contexto da Segunda Guerra. Para melhor efeito de nossa sucinta análise, dividiremos esta em três momentos:

Logo no primeiro momento são abordadas as principais questões políticas e econômicas que encaminharam os países envolvidos no conflito a entrarem em guerra. Fala-se também da expansão nazista pela Alemanha, devendo-se principalmente as questões de revanchismo e de acentuado desemprego naquele país. Em seguida, temos uma fotografia de meninas que em Berlim acenam para Hitler com bandeirolas do nazismo.

No segundo momento, observa-se a abordagem a cerca das questões de intolerância éticas, religiosas e sexuais, receptivamente envolvendo judeus, ciganos, eslavos, testemunhas de Jeová, homossexuais, além de portadores de necessidades especiais. São apresentados aspectos políticos das conquistas territoriais nazistas pela Europa, e por fim, é apresentada uma fotografia de mulheres judias presas no campo de concentração de Auschwitz em 1945. Todas aparecem em péssimas condições, amontoadas umas sob as outras em estreitos compartimentos de madeira.

Finalmente, no terceiro momento é relatado o ataque japonês a base militar norte- americana de Pearl Harbor, motivo pelo qual os estadunidenses jogaram duas

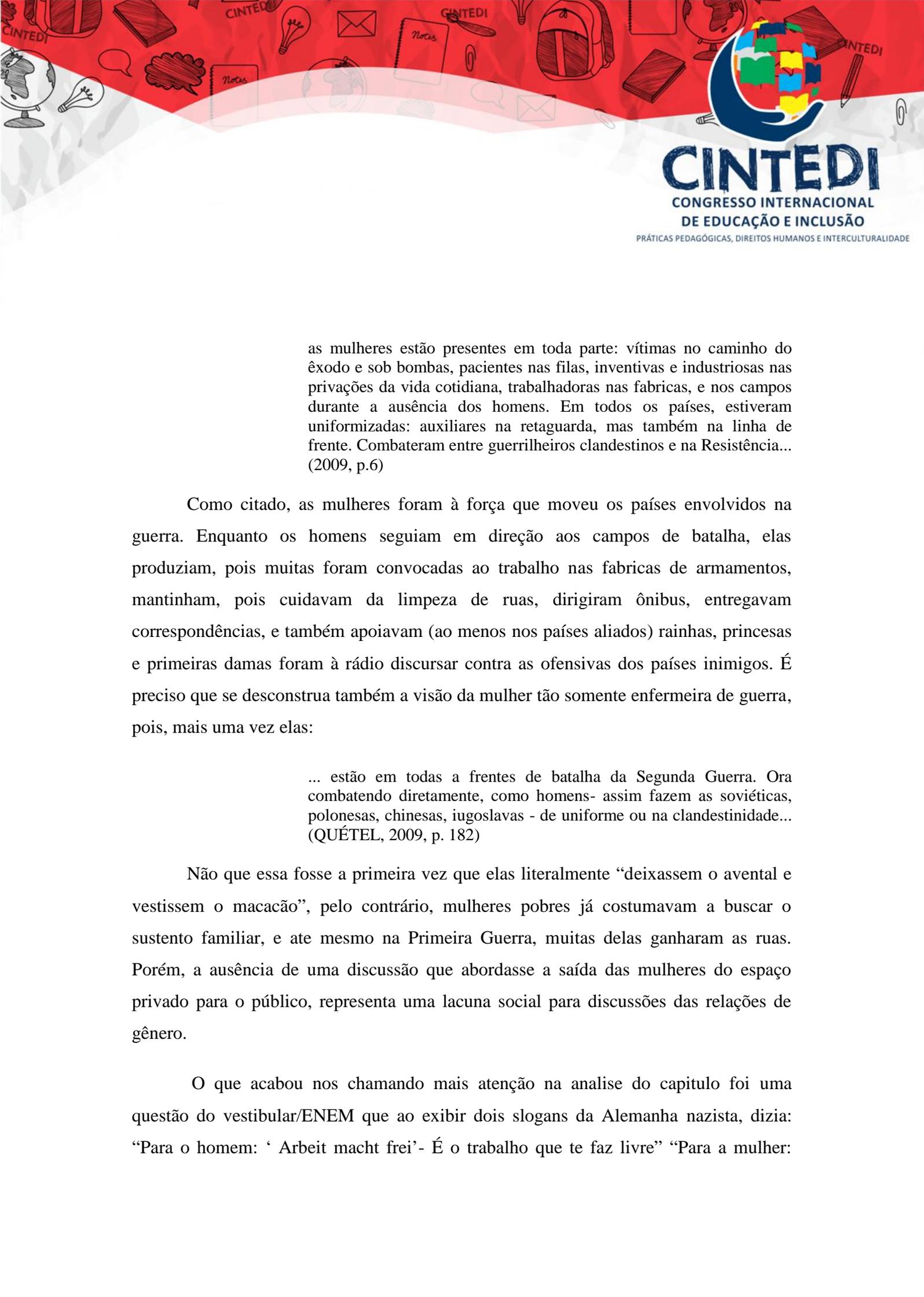
bombas atômicas nas cidades de Hiroshima e Nagazaki no ano de 1945, já no fim da guerra. É possível ainda ler uma curta narrativa sobre a história da senhora Nakamura que assistiu ao clarão da explosão de uma das bombas, vendo logo em seguida um de seus filhos soterrados pelos escombros pedindo-lhe socorro. E por último, é relatada a resistência ao nazismo na França, na Itália e URSS por parte dos chamados *partisans*.

Bem, feita a devida análise podemos observar que as mulheres aparecem de forma timidamente escassa no contexto da Segunda Guerra Mundial abordado por este livro didático. Ver-se apenas que no decorrer do capítulo, mulheres podem ser vistas aclamando o nazismo (no primeiro momento), vítimas do holocausto em Auschwitz, e da bomba atômica em Nagazaki (segundo e terceiro momento).

É fato que grande parte da Alemanha apoiou o governo totalitário nazista, em sua maioria alemães e alemãs foram seduzidos e seduzidas pelas propostas de uma vida econômica e social estável, como é possível ver nesta oração ensinada a meninas nas escolas alemãs: “Führer, meu Führer, enviado por Deus, protege-me e vela por mim ao longo de toda minha vida. Tu que salvaste a Alemanha da penúria, eu te agradeço por meu pão cotidiano...” (QUÉTEL, 2009, p.148)

Mas, é preciso atentar também para o fato de que nem todos (as) alemães e alemãs o aclamavam ou apoiavam. Como foi o caso da cantora Marlene Dietrich, que fazendo propaganda em apoio aos Estados Unidos, se mostra ferrenha antinazista.

Da mesma forma, não é possível negar em hipótese alguma que a guerra fez vítimas, sejam elas homens ou mulheres, judeus ou judias, bem como, japoneses ou japonesas, a forma cruel de como são expostos a dor, a humilhação e ao sofrimento, são uma constante. Porém, é preciso enxergar também, que muitas mulheres naquele contexto de guerra foram a força motriz para que os países não parassem e portanto, sujeitas ativas das tramas da história. Como nos aponta Claude Quérel:



as mulheres estão presentes em toda parte: vítimas no caminho do êxodo e sob bombas, pacientes nas filas, inventivas e industriosas nas privações da vida cotidiana, trabalhadoras nas fabricas, e nos campos durante a ausência dos homens. Em todos os países, estiveram uniformizadas: auxiliares na retaguarda, mas também na linha de frente. Combateram entre guerrilheiros clandestinos e na Resistência... (2009, p.6)

Como citado, as mulheres foram à força que moveu os países envolvidos na guerra. Enquanto os homens seguiam em direção aos campos de batalha, elas produziam, pois muitas foram convocadas ao trabalho nas fabricas de armamentos, mantinham, pois cuidavam da limpeza de ruas, dirigiram ônibus, entregavam correspondências, e também apoiavam (ao menos nos países aliados) rainhas, princesas e primeiras damas foram à rádio discursar contra as ofensivas dos países inimigos. É preciso que se desconstrua também a visão da mulher tão somente enfermeira de guerra, pois, mais uma vez elas:

... estão em todas a frentes de batalha da Segunda Guerra. Ora combatendo diretamente, como homens- assim fazem as soviéticas, polonesas, chinesas, iugoslavas - de uniforme ou na clandestinidade... (QUÉTEL, 2009, p. 182)

Não que essa fosse a primeira vez que elas literalmente “deixassem o avental e vestissem o macacão”, pelo contrário, mulheres pobres já costumavam a buscar o sustento familiar, e ate mesmo na Primeira Guerra, muitas delas ganharam as ruas. Porém, a ausência de uma discussão que abordasse a saída das mulheres do espaço privado para o público, representa uma lacuna social para discussões das relações de gênero.

O que acabou nos chamando mais atenção na analise do capitulo foi uma questão do vestibular/ENEM que ao exhibir dois slogans da Alemanha nazista, dizia: “Para o homem: ‘ Arbeit macht frei’- É o trabalho que te faz livre” “Para a mulher:



‘Kinder, Kuche, Kirche- Crianças, cozinha, igreja. Logo abaixo encontra-se a alternativa “d” correspondente a esta questão que diz: “O lócus social da mulher era reforçado a partir do enaltecimento das funções tidas como sendo eminentemente femininas”(BRAICK;MOTA, 2010, p.90). A questão nos soou extremamente relevante, pois, ela abre margem para a discussão de gênero. Falar da história das mulheres é também abordar a categoria de gênero, neste caso o gênero sob uma perspectiva pós-estrutural. Este, enquanto categoria teórica pós-estrutural, emergiu nos meios acadêmicos no final do século XX. Construído a partir de novas concepções e influenciados por Michel Foucault e Jacques Derrida, alguns historiadores/as feministas, franceses, anglo-americanos e brasileiros, buscaram a partir de então, a desconstrução da oposição binária nas relações entre os gêneros, dos lugares culturais e sociais preestabelecidos para homens e mulheres, bem como gênero e sexualidade enquanto *invenção social*, constituídos a partir de múltiplos discursos normativos.

É preciso atentar, para que não se enclausure a história das mulheres unicamente em torno delas, caso contrario o risco de redistribuir o papel rígido de homens e mulheres em uma sociedade e a construção de uma oposição binária, que no passado influenciou o esquecimento destas na historiografia é eminente. Sendo assim, como nos afirma LOURO (2010)

Desconstruir a polaridade rígida entre os gêneros, então significaria problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um [...] implicaria também perceber que cada um desses polos é internamente fragmentado e dividido (afinal não existe *a mulher*, mas várias e diferentes mulheres...) (p. 32).

Ou seja, mostrar a alunos e alunos que os lugares de gênero, construídos para alemãs e alemães na Segunda Guerra. Eles não emergem de um uma condição biológica, mas sim de jogos de interesses e relações de poder que modelam as identidades de gênero e sexual daquela sociedade. Sabe-se que em prol de uma raça



ariana, de uma futura nação “pura” Hitler ordenava que as mulheres alemãs deveriam gestar os filhos e filhas do país, sendo assim seus únicos interesses deveriam ser *Kinder, Kuche, Kirche*.

CONCLUSÃO

Ao termino desta pesquisa podemos concluir que os lugares ocupados pela mulher no livro didático *História das cavernas ao terceiro milênio: do avanço imperialista aos dias atuais*, sob o olhar da Segunda Guerra Mundial, são escassos, lacunares e porque não dizer inconsistentes diante das renovações historiográficas e das trajetórias da história da mulher e dos estudos de gênero. O sussurrar das vozes das mulheres no capítulo analisado é baixo, quase não podemos ouvi-lo e quando nos esforçamos pra escutá-lo este é sobreposto praticamente aos dolorosos ruídos de vítimas do Holocausto e da bomba atômica.

Por outro lado também, é importante notar que o livro didático, por si só, enquanto material de auxílio no trabalho de professores e professoras de historia não pode ser sua única opção. Cabem a estes o exercício de abordar este tema da história das mulheres, de preferência associado as discussões de gênero. A fim de que não se caia na armadilha da oposição binária, que ao invés de libertar, enclausura homens e mulheres em identidades rígidas e imutáveis. Ao lançar novas possibilidades teóricas de se trabalhar a história nas aulas as contribuições dos estudos de gênero fica possível enxergar as relações de gênero enquanto uma categoria histórica, que estão sempre em constante (des) construção.

Desta forma, nosso objetivo de inclusão da mulher na historiografia e consequentemente no ensino de história é bastante relevante, pois, dependendo da forma que se pretenda trabalhar, pode-se ultrapassar os muros do conhecimento puramente didático e tocar nas vivências e experiências de alunos/as e professores/as. Mostra as mulheres enquanto sujeitas da história e, portanto ligadas a nós pelo elo de sermos,

assim como estas sujeitos e sujeitas da história também. Pois, ensinar história como bem diz o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior deve ser antes de qualquer coisa a tentativa de *desnaturalização daquilo que é apresentado pra gente como sendo a verdade, o bem, o justo, o belo, o bom.*

REFERÊNCIAS

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. A Segunda Guerra Mundial. In: **História das cavernas ao terceiro milênio: do avanço imperialista no século XIX aos ias atuais.** 2 ed. São Paulo: Moderna, 2010. cap. 5.

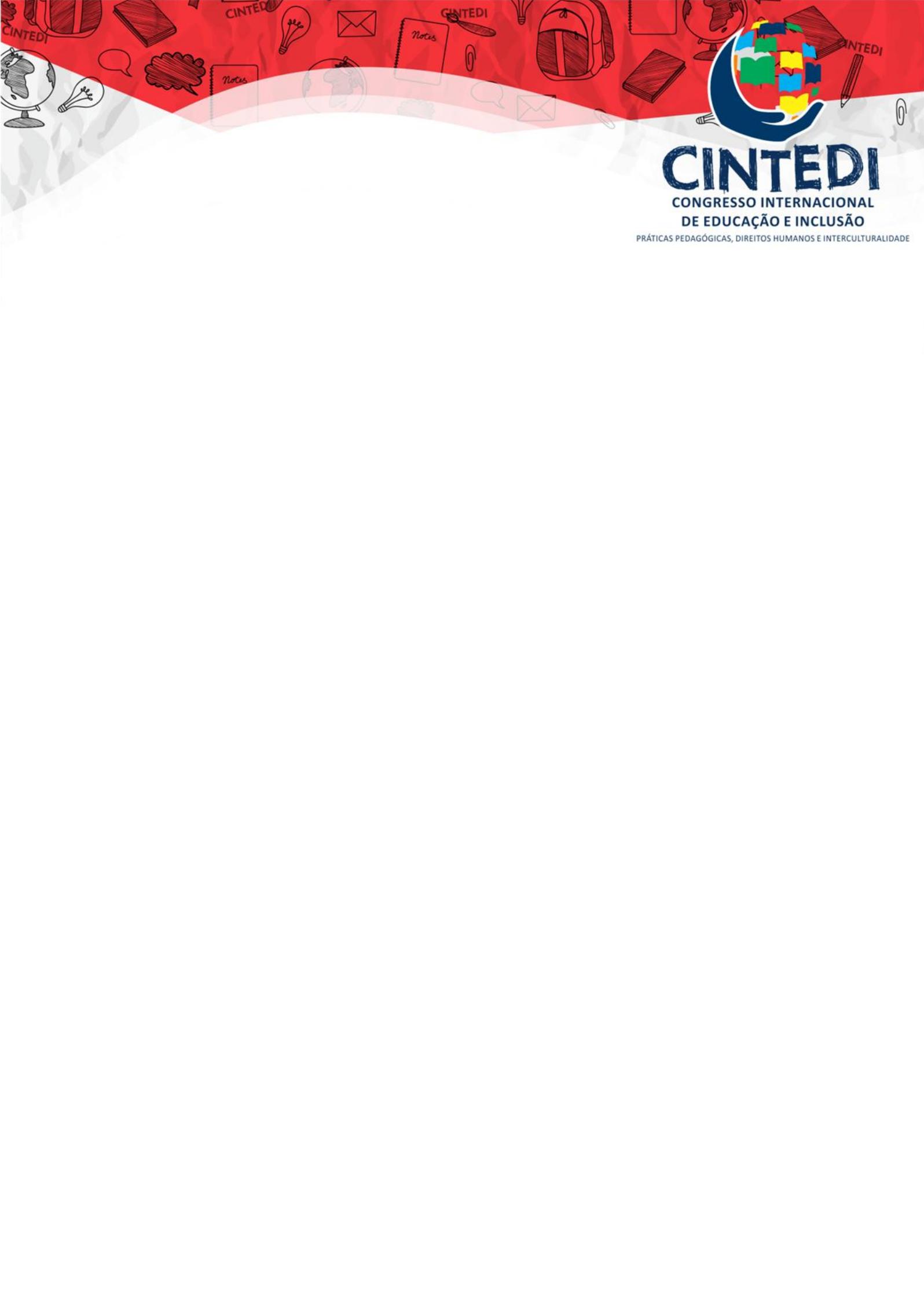
LOURO, Guacira Lopes. Desconstruindo e pluralizando gêneros. In: **Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 32

PERROT, Michelle. As mulheres. In: **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Tradução: Denize Bottmann. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006, p. 185.

QUÉTEL, Claude. Esforços de Guerra. In: **As mulheres na guerra (1939-1945).** Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Larousse, p.6.

QUÉTEL, Claude. Combates. In: **As mulheres na guerra (1939-1945).** Tradução: Ciro Mioranza. v.2. São Paulo: Larousse, p. 148-182.

SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKER, P.(Org.) **A escrita da história: novas perspectivas.** Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Univesp, 1992, p.78-93.



CINTEDI

CONGRESSO INTERNACIONAL
DE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, DIREITOS HUMANOS E INTERCULTURALIDADE